Maria Tocha Pelarigo

Pescadora avieira

Constância Sul

Pé no barco, pé na terra, labutando pela vida

Aos 87 anos, tão lúcidos quanto sofridos, fala do Tejo sem queixume nem saudade. Viveu nele, ou por muito perto dele, desde que veio ao mundo e enquanto o corpo a deixou.

O Tejo foi o universo em que correu a sua vida. Deu-lhe quase tudo do pouco que sempre teve: peixe, trabalho, sustento, canseiras, medos, amarguras. Alegrias, muito poucas. A vida de pescadora, falando de coisas boas, pouco tem para contar. Se boa fosse, ainda haveria quem a quisesse para si e os mais novos fugiram dela.

Os pais eram da Vieira. Da Vieira de Leiria, terra de pinhais e de peixe, estando o mar em maré de o dar. Serrador o pai, a mãe vendia sardinha, de burro, pelas portas. Haverá um século, mais ano menos ano, vieram os dois para o Tejo, mal tinham casado, porque aqui, onde já havia muitos *avieiros* como eles, era a vida menos dura, se assim se pode dizer, do que a que levavam por lá.

Nasceu na Tapada, embora ainda pequena a família se tenha mudado para o Alfange. A mãe, como acontecia então com muitas outras mulheres, teve 14 filhos, mas só sete viveriam. Teve o azar de nascer menina e de, talvez por isso, não ter caído nas graças do pai que preferia rapazes que o ajudassem na pesca. Não que as mulheres não pesquem, que toda a vida pescaram ao lado dos seus maridos, mas homem é homem ou assim os homens pensavam.

Casou rapariga nova, como quem busca a liberdade. Mas a liberdade não existe na vida de quem está preso à labuta pela sobrevivência. Não levou nada consigo, nem prato, nem garfo, nem colher. Nadinha. E toda a vida teve de se dividir entre o Tejo e o campo, entre as redes e a enxada, entre o peixe e o melão, pé no barco, pé na terra, que nem o rio nem o nateiro lhe davam pão suficiente.

Foi uma tia do Tramagal que a trouxe para Constância. Na borda do Tejo ergueu uma barraca, onde viveu muito tempo, até que aqui há uns anos lha mudaram para Constância Sul, para mais perto da filha, onde agora está, com o lume por companhia, e diz que se sente bem. É de madeira a barraca, bem melhor do que a da mãe, que Deus a tenha em descanso, que era toda de canas.

Dos três filhos que tem, nenhum quis ser pescador. Aprender um ofício foi a forma de fugir às noites no meio do Tejo, fosse Verão ou fosse Inverno, atrás do barbo e da fataça, da saboga e da lampreia. Ou ao esforço imenso de puxar a varina, na dura safra do sável, em tempos mais recuados.

Por muitos anos que viva, e com poucos se contenta, não mais irá esquecer a vida feita no barco, o homem ao meio e ela à ré, enquanto os filhos dormiam, uns para os pés, outros para a cabeceira. E o vento e a chuva. E as noites pouco dormidas. E o pouco que vinha na rede. E a venda, na praça de Constância e pelas portas, na Portela, em Vale de Mestre. *E quer que tenha saudades?*

No Tejo de Constância houve três barracas de avieiros, todas na margem do sul, da qual só resta a sua, embora noutro lugar. Eram as três de Pelarigos, gente da mesma família. Há Pelarigos pelo Tejo todo, na Praia, nas Caneiras, em Valada, na Palhota, no Escaroupim. Pelarigo é nome bem avieiro. Como Tocha, que denuncia origens mais remotas, de praias mais para norte, bem acima da Figueira.

Ao nascer puseram-lhe Maria. Avieira de pai e mãe, ficou *Maria Tocha Pelarigo*, o mais avieiro nome que é possível encontrar.

António Matias Coelho